

que se opera num dia determinado, a emoção que se apodera dos assistentes quando esta liquefacção não tem lugar, a ameaça mal escondida de que se o milagre não succedesse, aconteceria isto e aquilo... Você serviu-se do milagre de S. Janeiro duma maneira notavelmente alegórica, como duma representação imaginada do que o interessa a respeito das regras da senhora em questão.

— E fi-lo sem o saber. Crê verdadeiramente que se eu fui incapaz de me lembrar da palavra *aliquis*, foi por causa desta anciosa expectativa?

— Parece-me fóra de dúvida. Lembre-se apenas da sua decomposição da palavra em *a* e *liquis* e as associações: *reliquias*, *liquidação*, *liquido*.

Êste exemplo é bem demonstrativo.

Pode parecer, à primeira vista, que a análise dum lapso não tem outro interêsse que não seja o de mero exercício psicanalítico ou simples curiosidade. Não é assim. No processo psicoterapêutico de Freud, para o tratamento das nevroses, é preciso procurar inteligentemente um conteúdo no que o doente diz, conteúdo que, muitas vezes, é tanto mais importante quai mais se esconde e dissimula. E diz Freud: « Sob êste ponto de vista, a maior parte das vezes o lapso presta-nos serviços preciosos, como pude convencer-me por exemplos muito instrutivos, e sob vários aspectos, muito bizarros. »

Êste capitulo da « Propedêutica Psicanalítica » tem, pois, a sua importância.

## J O Ã O R A M I R O



*Nota:* — Na « Introdução » publicada no 1.º número da « Síntese », dissemos que Freud havia sido prêso em Viena e expulso da Áustria pelos racistas germânicos. Informam-nos de que essa notícia, que tanto

feriu a susceptibilidade do público, foi depois desmentida. Perdõem-nos o lapso aqueles a quem êle tenha podido desagradar. Aqui fica o desmentido, como o ordena a honestidade. — J. R.